

# MÚSICA NA ESCOLA: EXPRESSÃO SILENCIADA

Autora: Patrícia Fernanda Carmem Kebach<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo pretende abordar a importância de se trabalhar a educação musical, tanto em ambientes formais, quanto informais, para proporcionar aos educandos o acesso diversificado à linguagem musical. Aborda-se aqui a música como instrumento de livre expressão, capaz de comunicar emoções que, de formas convencionais, como a linguagem falada ou escrita, não seriam possíveis de serem expressas. O texto pretende apontar para as dificuldades encontradas, no contexto atual, para a implantação da Lei 11.769, publicada no Diário Oficial da União em agosto de 2008, que propõe a obrigatoriedade do ensino do conteúdo música em toda a educação básica. A música tem se demonstrado um instrumento libertador, no sentido de proporcionar espaços de exercício de criatividade, cooperação e reflexão coletiva, em todos os ambientes educacionais onde é trabalhada. Por isso, o subprojeto do Pibid da Pedagogia – Educação Infantil – vem desenvolvendo projetos de musicalização, para serem aplicados pelas acadêmicas bolsistas nas escolas parceiras, como forma de prepará-las para trabalhar com este conteúdo de modo significativo.

## Introdução

O ser humano, através de suas múltiplas expressões culturais, desde tempos remotos, utiliza-se da música como linguagem simbólica artística e expressiva. Todos os povos expressam-se musicalmente. A música, assim, exerce várias funções na sociedade: emocionar, celebrar, organizar, protestar, narrar, adorar, expressar, apreciar, criar, etc. Estes são alguns, entre vários verbos, que englobam as funções da música, que não são sempre iguais e dependem da cultura de cada povo.

---

<sup>1</sup> Doutora e Mestre em Educação pela UFRGS. Professora e Coordenadora do Núcleo de Apoio Psicopedagógico da FACCAT. Coordenadora do Pibid da Pedagogia – Subprojeto da Educação Infantil. Assessora pedagógica do Programa A União Faz a Vida - PUFV. Professora convidada da pós-graduação “Música: ensino e expressão” da Universidade Feevale.

Muitas pessoas expressam-se melhor, não através da leitura ou da escrita, linguagens convencionais e as mais utilizadas na cultura ocidental, mas através de outras linguagens, como a musical, por exemplo. Desde agosto de 2008, a música se tornou conteúdo obrigatório na Educação Básica, com a publicação da Lei 11.769 no Diário Oficial da União. Ela, antes, em épocas de ditadura, parece ter sido banida dos cenários educacionais, por se expressar, na maioria das vezes, como uma forma de Arte coletiva, através da qual, o povo ganharia força em protestar contra o sistema vigente. Assim como o teatro e a dança, a música foi, aos poucos, desaparecendo do cenário educacional, para dar espaço para as Artes Visuais, cuja característica principal é o exercício do simbolismo subjetivo e individual, particular do ser humano. Diferente, portanto, das artes coletivas, cujos protagonistas dialogavam, debatiam, criavam formas de expressar impressões compartilhadas, as artes visuais não representavam um risco para um sistema ditatorial. Assim, aos poucos, a música foi desaparecendo do cenário escolar e se tornando fenômeno midiático, gerado apenas para entreter os consumidores. Seu poder em simbolizar culturas, tradições, pensamentos compartilhados foi se tornando algo cada vez mais superficial.

Se música é expressão cultural, esta é a justificativa para que se faça presente como conteúdo na educação básica. Assim, este artigo pretende refletir sobre os seguintes aspectos: apesar da legislação obrigar o trabalho com o conteúdo musical no ambiente escolar em toda educação básica, a música está, de fato, tendo seu espaço garantido atualmente nos ambientes escolares? Além desta questão tão importante, é necessário refletir sobre outra: será que a escola está conseguindo mapear as diferentes formas expressivas dos agentes que participam dos processos de ensino e aprendizagem ou não garante a voz, a expressão, o protagonismo necessário para uma educação libertadora de seus alunos?

Na atualidade, esta forma expressiva ressurgiu aos poucos na escola, tornando possível um espaço novo para outros meios de expressão. Música é cultura, faz parte de todas as culturas, é expressão de sentimentos. Música comunica emoções, para muito além da linguagem falada. É por isso que deve estar na escola. Assim, as ações do subprojeto do Pibid da Pedagogia, voltado para a área da Educação Infantil, além de proporcionar, entre várias formações, oficinas de musicalização, tem incentivado as acadêmicas bolsistas a prepararem projetos que abarcam o conteúdo musical.

Assim, neste artigo, pretendemos apontar para estar várias questões propostas acima.

### **Educação musical e suas funções nos espaços formais e informais**

Por muito tempo, a reação dos artistas, à violência de um sistema vigente, ditatorial, opressor, foi pela amorosidade: ao invés de gritos, atos violentos, e agressões verbais, a música foi instrumento de protesto, foi a voz daqueles silenciados, por tomarem consciência de um sistema opressor.

Entretanto, esses artistas foram exilados, distanciaram-se da própria pátria, e a música, antes veículo de mensagens importantes para a tomada de consciência dos cidadãos, foi se transformando, ganhando a voz de outros protagonistas. Em sala de aula, ela praticamente desapareceu, ou ficou a serviço de práticas disciplinadoras, de datas comemorativas, como forma de simplesmente acalmar ou divertir as crianças, docilizando seus corpos (FUKS, 1991). E sua função maior, ou seja, a liberdade de expressão, foi sendo suprimida pouco a pouco. A respeito desta falta de liberdade, Freire diz que

[...] toda vez que se suprime a liberdade, fica ele (o sujeito) um ser meramente ajustado ou acomodado. E é por isso que, minimizado e cerceado, acomodado a ajustamentos que lhe sejam impostos, sem o direito de discutí-los, o homem sacrifica imediatamente a sua capacidade criadora (FREIRE, 1982, p. 42)

Assim, banindo das salas de aula espaços de criação, por exemplo, garantidos pelas artes coletivas, como a música e o teatro, cerceia-se o exercício da cooperação, ou seja, a operação em conjunto. Não se permite a reflexão em conjunto, e, especialmente, o exercício criativo dos alunos, na medida em que apenas reproduzem música a fim de decorar algo, como no caso das crianças ou jovens do Ensino Fundamental e Médio, e disciplina-se os pequenos, da Educação Infantil, em relação às rotinas: hora de guardar o brinquedo, de lanchar, de escovar os dentes, de fazer fila, etc.

Já em ambientes cujos protagonistas têm espaços para proclamar suas vozes, como em projetos sociais, a música encontra seu valor máximo, na medida em que

contribui para a formação de cidadãos críticos, autônomos e com boa auto estima (HIKIJI, 2006; KLEBER, 2006; KEBACH, 2012). Muitas vezes, a música é fonte de profissionalização, alternativa benéfica para aqueles, que de outra forma, continuariam em estados de opressão. Ao produzir coletivamente uma canção, expressando sensações coletivas sobre o cotidiano, os jovens, por exemplo, que participam de ONGs ou outros projetos sociais onde a educação musical é trabalhada, têm espaço para reflexões e tomadas de consciência que os retiram da alienação. Logicamente, neste sentido, os ambientes da educação musical em projetos sociais costumam ser humanizadores (FREIRE, 1987).

Para restaurar sua humanidade (idem), o sujeito oprimido deve ter assegurado seus espaços de expressão em múltiplas linguagens, afinal, as pessoas se comunicam melhor de formas diferenciadas. Expressar-se através de outras linguagens, assim, é prática libertadora, que garante expressões que vão além daquelas possíveis através da linguagem escrita ou falada, como já dissemos, pois, as artes, de modo geral, costumam ser espaços privilegiados para a expressão de sentimentos, intuições, metáforas, enfim, variadas emoções.

Assim, o ideal seria que a educação musical abarcasse não somente espaços informais, mas o ensino formal, de modo geral. Entretanto, mesmo com a atual legislação, a música continua alheia à maioria dos espaços educacionais formais. A falta de profissionais que saibam atuar com este conteúdo, de professores especialistas na área, a falta de interesse em implantá-la, a não oferta de formação continuada na área são alguns dos motivos que fazem com que a música não se faça presente na escola.

### **As ações de musicalização do Pibid da Educação Infantil**

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em seu projeto específico para a Educação Infantil, voltado para os acadêmicos da Pedagogia da FACCAT, tem como objetivo proporcionar o exercício da docência, através do trabalho em escolas públicas da Região do Vale do Paranhana, visando à qualificação da formação pedagógica dos alunos da Instituição.

Assim, as acadêmicas bolsistas que participam do projeto, além de passarem por vários ambientes de oficinas, seminários, eventos, etc., produzem projetos para serem implantados nas escolas parceiras.

Muitos desses projetos são produzidos pensando em musicalizar as crianças de 4 meses a 5 anos, faixa etária que engloba a Educação Infantil das escolas parceiras. Para exemplificar as ações deste projeto, citaremos alguns.

As acadêmicas já criaram projetos de apreciação musical ativa, cujas crianças deveriam se envolver de várias formas com as canções que ouvem, dançando, desenhando, tocando instrumentos, percutindo corporalmente, etc. Em outras atividades, os pequenos tiveram de agir sobre o material sonoro, de forma livre e expressiva. Assim, elas vão aos poucos, construindo seu conhecimento musical. As acadêmicas bolsistas já elaboraram criações musicais coletivas com as crianças, sonorizando histórias, pesquisando sons da natureza, criando instalações sonoras dentro e fora das escolas parceiras, enfim, geraram espaços para que as crianças pudessem explorar o mundo sonoro-musical. As bolsistas Pibid também confeccionaram instrumentos musicais com os pequenos, com material reciclável e levaram instrumentos musicais de diferentes etnias para as crianças conhecerem e manusearem de várias formas.

Desse modo, além de se sensibilizarem musicalmente, as acadêmicas bolsistas Pibid estão tendo a oportunidade de colocar em prática várias experiências pedagógicas de Educação Musical nas escolas parceiras, fundamentadas teoricamente nos Métodos Ativos (FONTERRADA, 2005), fazendo com que, aos poucos, esta expressão artística seja resgatada nos espaços educacionais formais, iniciando-se precocemente, já na Educação Infantil.

## **Considerações finais**

A luta dos educadores musicais, atualmente, é a de garantir que a música seja progressivamente implantada em todas as escolas do país, a fim de proporcionar este importante espaço de trocas cooperativas e expressão criativa. Afinal, não se pretende, com isso, profissionalizar as crianças e jovens, mas sim, garantir que

tenham acesso a esta linguagem, para que possam utilizá-la da forma como queiram, com maior propriedade. Além disso, se música faz parte de todas as expressões culturais, musicalizar no ambiente escolar, através de apreciações de diferentes estilos, de arranjos e interpretações de músicas estruturadas das mais variadas formas, de criações espontâneas, através de improvisações, ou mesmo de composições mais planejadas significa enriquecer a cultura dos alunos.

A música da escola deve ir além daquela veiculada na mídia. Isto não quer dizer que o professor deva impor um determinado repertório a ser trabalhado no ambiente escolar. Mas se ele tomar o cuidado de trazer obras ricas, em termos poéticos, em diversidades expressivas, e proporcionar atividades interessantes para serem realizadas, enquanto trabalha com um repertório variado, garantirá o acesso prazeroso a seus alunos, que, mais tarde, poderão eleger, através de seus gostos pessoais, quais estilos preferem, o que querem consumir, como querem se expressar musicalmente.

### **Referências:**

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação.** Capa. UNESP, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FUKS, Rosa. **O discurso do silêncio.** Rio de Janeiro: Enelivros, 1991.

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. **A música e o Risco: etnografia da performance de crianças e jovens participantes de um projeto social de ensino musical.** São Paulo: Edusp, 2006.

KEBACH, Patrícia F. C. **A educação musical em projetos sociais: análise das atividades realizadas no vale do Paranhana.** Relatório de Pesquisa. Taquara: FACCAT, 2012.

KLEBER, Magali Oliveira. **A prática da Educação Musical em ONGs: dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação em Música. Porto Alegre, 2006.